

JOGOS COLABORATIVOS: SOMOS TODOS PARTE DESTA ESCOLA

Rebeca Ramos Paloma

Juliano Silva de Bastos

Resumo: Na semana de abertura do segundo semestre letivo de 2014, foi promovida no turno da noite uma Gincana em forma de Jogos colaborativos – com o tema: Somos todos parte desta Escola. Por meio de uma série de provas que exigiram a cada turma: dar nome a equipe, criar um símbolo, produzir cartazes sobre a história da comunidade e da escola, refletir o mapa do bairro e reelabora-lo conforme seu próprio olhar, produzir maquetes e “lixeiras criativas”, recolher alimentos para uma família ou instituição, praticar atividades físicas e por fim confraternizar com todos os alunos do turno em uma festa, foi possível o desenvolvimento de uma prática pedagógica interdisciplinar que teve significativa adesão e entendimento dos alunos. Tal proposta de atividade nasceu da constatação durante o primeiro semestre de que as aulas tradicionais motivaram pouco esses alunos que em sua maioria são jovens e adultos com grande bagagem de vida, inseridos no mercado de trabalho e (co) responsáveis na manutenção de suas famílias. Envolver os alunos na reflexão sobre sua comunidade e sua escola proporciona um sentimento de pertencimento a esse meio, como também possibilita aos professores outra leitura sobre os alunos, ouvindo suas expectativas.

Palavras-chave: Interdisciplinar. Prática pedagógica. Comunidade Escolar.

Introdução

A proposta de realizar uma gincana em forma de Jogos colaborativos veio do interesse de mobilizar a comunidade escolar, motivando uma construção de vínculos com a escola e comunidade escolar. O que ocorreu na semana de abertura do segundo semestre letivo de 2014 (4 a 8 de agosto), foi promovida no turno da noite em forma de Jogos colaborativos - que teve como tema: Somos todos parte desta Escola. Por meio de uma série de provas exigidas a cada turma do turno da noite, foi possível o desenvolvimento de uma prática pedagógica interdisciplinar que teve significativa adesão e entendimento dos alunos. Tal proposta de atividade nasceu da constatação durante o primeiro semestre de que as aulas e métodos tradicionais motivaram pouco esses alunos que em sua maioria são jovens e adultos com grande bagagem de vida, inseridos no mercado de trabalho e (co) responsáveis na manutenção de suas famílias. Deste modo, envolver os alunos na reflexão sobre sua comunidade e sua

escola proporciona um sentimento de pertencimento a esse meio, como também possibilita aos professores outra leitura sobre os alunos, ouvindo suas expectativas.

Problematizar o ambiente da escola faz parte do processo de aprendizagem, não há como pensar em escola, sala de aula, aluno, sem refletir essa juventude, esse ambiente, em que as relações dos sujeitos e do ambiente, possibilitam visualizar a transformação humana na natureza e ao longo do tempo, refletindo sobre esse meio e não somente passivos a ele. Portanto essa gincana propõe pensar essa relação entre sujeito e espaço, assim como as próprias práticas pedagógicas, para que possamos pensar uma escola que envolva essa juventude.

Desta maneira a gincana vem promover uma integração e socialização entre os alunos, e elucidar as relações destes com a Escola e o ambiente escolar, assim como também propicia por meio de jogos e dinâmicas recreativas a reflexão sobre temas cotidianos como o destino adequado do lixo e o reaproveitamento de materiais recicláveis. Essas atividades possibilitaram desenvolver uma integração da arte e conhecimentos (populares e eruditos) no processo de aprendizagem e uma reflexão sobre a conservação e preservação do patrimônio da escola.

Entretanto, mais do que a constatação de que há necessidade de refletir sobre esse jovem na escola, a democratização do ensino público, a realidade instaurada nas escolas “cobra de instituições e professores a atenção à diferença e os reclamos de singularização das práticas que possam dialogar com os novos sujeitos que se apresentam na arena pública da escolarização”(BRENNER; CARRANO, 2015, p.1228), essa foi uma atividade que possibilitou construir algumas pontes com os alunos, dialogando ainda que em alguns momentos com esses sujeitos.

1 Desenvolvimento

A gincana foi desenvolvida por meio de uma série de provas exigida a cada turma como: dar nome a equipe, criar um símbolo ou mascote, produzir cartazes sobre a história da comunidade e da escola, refletir o mapa do bairro e reelabora-lo conforme seu próprio olhar, produzir maquetes e “lixeiras criativas” (decoradas), recolher alimentos para uma família ou instituição, praticar atividades físicas, e por fim confraternizar com todos os alunos do turno em uma festa a fantasia foi possível o desenvolvimento de uma prática pedagógica

interdisciplinar que teve significativa adesão e entendimento dos alunos. A gincana ocorreu durante uma semana sendo divididos em momentos durante os dias das atividades:

1º DIA

1º momento: Apresentar a proposta da gincana, o cronograma e as regras.

2º momento: Cada turma vai ser uma equipe, que em suas respectivas salas irão construir a identidade da equipe. Nome da equipe/ grito de guerra/identidade visual.

3º momento: Construir a história da comunidade em cartaz.

4º momento: Montar um quebra cabeça sobre o mapa do bairro.

5º momento: Desenhar o mapa do bairro com suas referências sobre essa localidade.

6º momento: Apresentação do cartaz e do mapa com suas referências do bairro.

2º DIA

1º momento: Apresentação de uma história inspiradora para a comunidade.

2º momento: Discutir sobre o lixo, assim como questões do lixo no bairro, para finalizar construir uma lixeira para a turma.

3º momento: Apresentar a lixeira, o significado dado para ela.

3º DIA

1º momento: Construção de um mural de pensamentos sobre a escola- em cada equipe.

3º momento: Construção da maquete sobre parte da escola ou bairro, com materiais reutilizados.

3º momento: Apresentação do mural e da maquete.

4º DIA

1º momento: Apresentação da identidade da equipe (grito de guerra/identidade visual)

2º momento: Jogos /Torneio de tênis de mesa- individual e dupla/Torneio de damas.

5º DIA

Confraternização e encerramento da proposta da gincana.

Enfim a proposta da gincana fomentou a reflexão sobre o nosso cotidiano, buscando trazer a História para o presente através da observação da escola /comunidade enquanto espaço construído ao longo do tempo por diferentes mulheres e homens. Para pensar esse jovem ou a juventude nesse ambiente escolar é válido compreender quem são essas juventudes, é necessário pensar em sua vida quotidiana, já que o “quotidiano é um lugar privilegiado de análise sociológica na medida em que é revelador, por excelência, de determinados processos do funcionamento e da transformação da sociedade dos conflitos que atravessam” (PAIS, 2003, p.72), pensar no cotidiano para além do senso comum, mas como um fio condutor que possibilitara visualizar a relação desse jovem com o ambiente escolar e sua comunidade, uma relação entre o micro e macro. Desta maneira a gincana potencializou a possibilidade dos jovens se sentirem como agentes no processo histórico.

2 Resultados

Os espaços escolares veem se modificando rapidamente a partir das influências postas pelas transformações sociais. Isso se deve ao fato da “Escola não ser um ente estranho ao corpo social, e sim, um “espelho” que reflete em seus espaços, os problemas, as angústias, as necessidades e as frustrações da sociedade da qual faz parte”(PALOMA e POMMER, 2012). Para tanto, as ações escolares necessitam ser pensadas a partir dos anseios do corpo com o qual interage, pois é partir da integração entre escola e sociedade/comunidade que as atividades didático-pedagógicas devem ser propostas, o processo de ensino/aprendizagem deve ser revestido de significado para o aluno. Para Vieira e Volquind, “o aluno é o centro organizador de sua aprendizagem, cabe ao professor orientá-lo a percorrer caminhos que possibilitem rupturas epistemológicas, construindo novos conhecimentos”(VIEIRA e VOLQUIND, 2002, p. 09), a gincana colocou o aluno, o jovem como parte do processo de ensino/aprendizagem.

A gincana oportunizou um olhar para esse ambiente, o cotidiano, a escola, e o próprio aluno, mostrando a multiplicidade que pode e deve ser trabalhada na escola. Assim sendo as escolas são “organismos vivos e dinâmicos” (LUCK, 2000) e fazem parte de um contexto social, cultural e econômico, marcado pela pluralidade e controvérsias, um sistema em constante mudança. Contudo o modelo curricular da escola pautado na fragmentação, nos conteúdos, negligencia a heterogeneidade das escolas, esse modelo escolar não possibilita que o “educando desenvolva naturalmente suas relações e intervenções no mundo do trabalho e suas conexões com a natureza física e social” (AZEVEDO e REIS, 2013, p.29), para tanto a gincana foi um trabalho embrionário que proporcionou um dinamismo ao ambiente escolar e um olhar singular para os alunos.

Conclusão

A gincana trouxe novas possibilidades para se pensar a escola pelos próprios sujeitos que fazem parte desse cotidiano, para refletir em como construir momentos de diálogos com a comunidade escolar, pontes entre os professores e o jovem que frequenta o ambiente escolar.

Essa prática permitiu também uma abertura para refletir sobre as práticas escolares dos docentes, bem como a educação geral.

Há mudanças na escola, o sujeito que frequenta, a democratização da escola que permitiu um aluno que é diferente de um estudante, que não é preparado para ser aluno, e em algumas vezes vem de famílias em que é o primeiro a continuar os estudos, ou ainda o primeiro para terminar o Ensino Médio. Perceber quem é esse jovem é de extrema importância, perceber sua cultura juvenil presente também na escola, conhecer quem é o sujeito, construir sentido, pertencimento a esse ambiente em que inúmeras vezes esses jovens estão procurando saídas.

Perceber e possibilitar a movimentação que espaços de diálogos podem criar na escola é relevante para pensar para quem é a educação. O envolvimento dos alunos na construção da gincana foi um início de abertura para um diálogo entre professores e alunos, e que não pode terminar com o fim da gincana, como já falado anteriormente é uma possibilidade ainda embrionária, em elaboração e que exige reflexões sobre as práticas docentes e sobre os jovens que estão na escola.

Referências

AZEVEDO, Jose Clovis de; REIS, Jonas Tarcísio. (Org.) **Reestruturação do ensino médio: pressupostos teóricos e desafios da prática**. São Paulo: Fundação Santillana, 2013.

BRENNER, Ana Karina; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Os sentidos da presença dos jovens do Ensino Médio: representações da escola em três filmes de estudantes. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, nº. 129, p. 1223-1240, out.-dez., 2014.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Identidades Juvenis e escola. In: **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. Brasília, Unesco, 2005.

LUCK, Heloísa. **Perspectiva da Gestão Escolar e Implicações quanto à Formação de seus Gestores**. Disponível em <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1087/989>. Acesso em: 15 set. 2012

NOVAES, Regina. Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: **Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Cortez, 2003.

NOVAES, Regina. Juventude. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: **Culturas jovens: novos mapas de afeto**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2006.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos Martins; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, jan./abr. 2011.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

PALOMA, Rebeca Ramos; POMMER, Roselene, Moreira Gomes. Apresentando o Subprojeto PIBID de História: “História e Educação: meandros no ensino formal” In: **Jornada Acadêmica Integrada-JAI**- UFSM, 2012, Santa Maria. Anais 27ª Jornada Acadêmica Integrada, 2012.

VIEIRA, Elaine. VOLQUIND, Léa. **Oficinas de Ensino**: O que? Por quê? Como?. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.